

O USO DA IMAGEM NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO SURDO: UM ESTUDO DE CASO

Débora Uchôa Carneiro Cardoso (1); Isabela do Rêgo Barros (2)

(1) *Especialista em Libras; Professora Intérprete de Libras; Mestranda de Ciências da Linguagem (UNICAP) dbrch7@gmail.com*. (2) *Orientadora; Professora em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ibelabarros@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho dedica-se a analisar a fase inicial de aquisição da escrita de alunos surdos no cenário escolar e a relação que a imagem abrange acerca do aprendizado. O local escolhido foi uma escola de referência da cidade do Recife, no ano de 2017, ano em que a escola ainda contava com classes especiais de crianças surdas, de diferentes faixas etárias. As aulas são ministradas na modalidade Bilíngue (Libras/Português) por professoras polivalentes, sendo uma surda, fonte de contato com uma de seus pares, nativa da Língua Brasileira de Sinais. Porquanto, discutiremos o processo de ensino da Língua Portuguesa aos seus alunos, e a estes, discutiremos o processo de aquisição da escrita. Sobretudo, para fundamentar teoricamente esse estudo trabalharemos à luz de Quadros (1997) Ferrero (1996) Goldfeld (2002) e Benveniste (1991). Será utilizada como instrumento de pesquisa, uma entrevista semiestruturada. Conclui-se que, o uso da imagem é principal na alfabetização dos surdos, e faz com que eles aprendam melhor além de chamar muito mais a atenção deles. **A partir** desse trabalho, espero contribuir para uma melhor compreensão da relação palavras e imagens, e conseqüentemente possibilitar novos olhares ao atendimento à aquisição da escrita do aluno surdo.

Palavras-chave: Aquisição de escrita. Aluno surdo. Imagem. Escrita.

CARACTERIZANDO A ESCRITA NA SURDEZ

Todos nós temos a consciência da importância da escrita na vida de alguém. É através dela que conseguimos dar o pontapé inicial na nossa vida escolar, além de, conseguirmos detalhadamente registrar algo importante para a posteridade. Cientes de que, passamos por um processo evolutivo da escrita, que construímos pouco a pouco dentro da nossa mais tenra infância, que, atrelados ao ambiente familiar, desenvolvemos os saberes e por si só, eles vão tomando forma mesmo desde tão pequenos. E ao escrever, nos tornamos desde já, atores da sociedade escolar, capazes de driblar um dos maiores obstáculos presentes em nossa vida: a aquisição da nossa língua escrita.

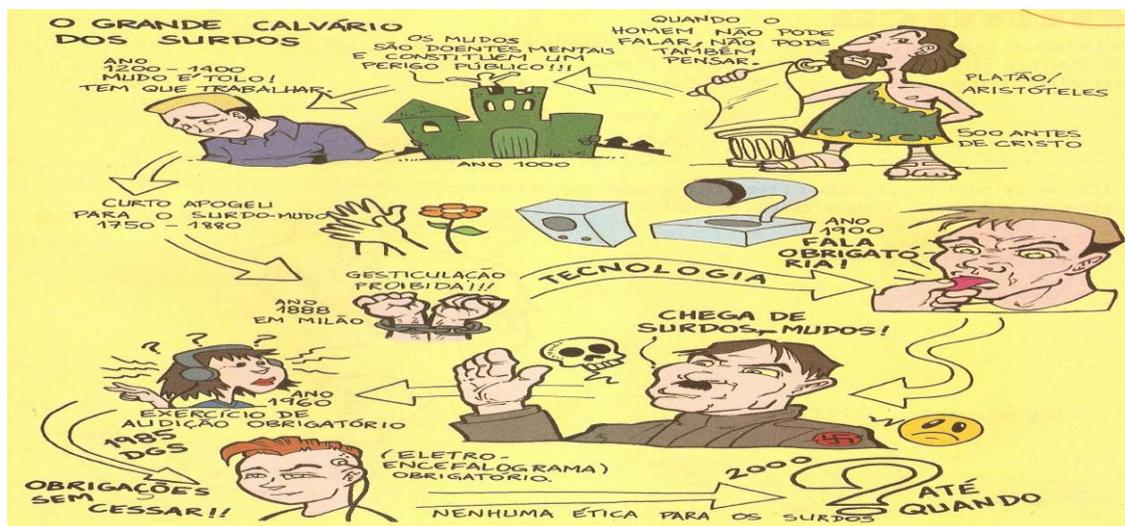
Organizamos o nosso pensar através da escrita e por muitas vezes também o nosso agir. Dando início as etapas comuns que todas as crianças passam durante seu desabrochar infantil.

Diante disto, é válido lembrar sobre o processo evolutivo dos surdos, que passam por um desenvolvimento acentuado após o ingresso na vida escolar. Uma vez que aprendem em sala de aula, principalmente a Libras (língua materna), caso contrário

sofrerá várias consequências. São elas:

- Este (o surdo) perde a oportunidade de usar a linguagem, senão o mais importante, pelo menos um dos principais instrumentos para a solução de tarefas que se lhe apresentam no desenvolvimento da ação inteligente;
- O surdo não há de recorrer ao planejamento para a solução de problemas;
- Não supera a ação impulsiva;
- Não adquire independência da situação visual concreta;
- Não controla seu próprio comportamento e o ambiente;
- Não se socializa adequadamente (Brito, 1993, p. 41 Apud Goldfeld, 2002, p.45)

Como vimos acima, é incontestável a importância da criança surda de adquirir e utilizar a Libras em sala de aula para serem alfabetizados. Fazendo com que este aluno, posteriormente, responda com resultados positivos, onde transpareçam a dinamicidade e seja adjacente ao trabalho do profissional. Após um árduo caminho percorrido em sua história, sintetizados na história intitulada de “O calvário dos surdos” abaixo:



Fonte: Google.

Após resumo dos principais acontecimentos, frizamos numa marcante época: Quando os surdos foram proibidos de falar a Libras – Língua natural deles, e então, passaram pela fase da oralização obrigatória. Entretanto, não obtivemos sucesso no desenvolvimento escolar do surdo, e, após inúmeras tentativas fracassadas de tentar “normalizar” o aluno surdo, veio o fracasso na educação dos surdos.

Chegando a fase da comunicação total, onde foi permitido utilizar gestos, oralidade, mímicas e língua de sinais, e através desta nova comunicação, após anos de adaptação da

comunicação, veio a Libras - Língua Brasileira de Sinais, sendo legitimada através da sua Lei 10.346 em 24 de abril de 2002.

Tal legitimação só trouxe benefícios para a comunidade surda, pois, através dela, os surdos ganhavam mais espaço pra galgar maiores passos.

Por conseguinte desta conquista, as pesquisas ampliaram-se, onde, muitas passaram a ser divulgadas e muitas outras iniciadas, marcou-se de fato, como um divisor de águas, valorizando a Língua Brasileira de Sinais.

Ao longo da sua vida evolutivo escolar, ao ser Alfabetizado pela língua escrita da Língua Portuguesa, a criança passa ouvinte por várias fases, que resultam no processo de aquisição de uma língua escrita, pois, muitas vezes a língua oral já foi adquirida. Entre o início da aquisição e a completude da prática escrita, segundo Emília ferrero a partir da psicogênese da escrita, existem fases, e são elas: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

PRÉ-SILÁBICO			SILÁBICO	SILÁBICO-ALFABÉTICO	ALFABÉTICO
ICÔNICA	GARATUJA	ESCRITA DIFERENCIADA			
					
		SCO	PT	PAT	PATO
		NI	AO	P <u>TO</u>	PAT <u>U</u>
		Realismo Nominal boi formiguinha			A <u>tura</u>

Fonte: Livro Psicogênese da Escrita.

A importância de citar que, ao desenvolver essas fases numa criança ouvinte, associamos estas ao som, para conseguir dar sentido às palavras e garantir o sucesso na associação do processo da escrita.

É comum um aluno surdo em fase de alfabetização inicial demorar mais do que o habitual para passar de uma fase para outra. Pois, o processo assimilativo é visual e assimilativo, e devemos assumir estratégias para ensiná-los de uma certa forma que, eles adquiram a língua sem decora-la, tentando passar a língua portuguesa escrita para o aluno surdo. Uma vez que esta não seja sua língua materna. Tal articulação, é de fato, um papel difícil, tanto para quem ensina, quanto para quem aprende.

Para ilustrar tais diferenças, abaixo, segue um quadro comparativo de aquisição entre crianças surdas e ouvintes:

Criança Ouvinte	Criança Surda
Faz uso das propriedades fonológicas das palavras da língua que ela já usa para pensar e se comunicar.	Pensa e se comunica em uma língua visual-espacial, e escreve em uma língua oral auditiva.
Há compatibilidade entre os sistemas de representação linguística da língua falada e da língua escrita alfabética.	Enquanto a criança ouvinte recorre às propriedades fonológicas naturais de sua fala interna, a criança surda recorre às propriedades visuais que constituem a forma de sua sinalização interna.

Fonte: Capovilla, 2004.

No caso específico dos surdos, muitos chegam na escola e, se deparam com um novo mundo de oportunidades, Ana Claudia Balieiro **Lodi** considera:

Pode-se afirmar que a alfabetização inicial é um processo que transcorre em um período de tempo não menor do que quatro anos, a partir de seu início nos primeiros anos de vida. Se dividirmos esquematicamente este processo em três grandes etapas sucessivas, que, apenas para efeito de uma melhor compreensão, denominaremos de etapas pré-fonética, silábica e alfabética, os fatos falam por si só. (Lodi, 2002, p. 19)

Com base na afirmação de Lodi, podemos perceber o foco na questão das etapas, assim como com Emília Ferrero, não diferente dela, os surdos também passam por todas elas, porém o tempo de aquisição é diferente a depender do aluno, da bagagem que ele trás e do estímulo da família.

Assim como na educação regular de sala de aula não inclusiva, onde os ouvintes são alfabetizados assim como os surdos, eles também fazem parte do mesmo processo de alfabetização tradicional, todos têm o mesmo modelo de ensino. Tendo em vista que, a aquisição do aluno surdo é mais lenta, por justamente, não ter a audição e ter dificuldades com a Língua Portuguesa, deveriam-se utilizar métodos diferenciados, uma vez que, inúmeras pesquisas confirmam sua dificuldade de aprendizado.

Reiterando que muitos surdos chegam na fase inicial da vida escolar, completamente deslocados, sem pertencer a uma língua materna, pois, na grande maioria, a Libras não é apresentada para essa criança, até entrarem na escola, local onde, ali, próximo a seus pares, eles irão encontrar-se, facilitando assim, o convívio, a expressão e a aquisição. Para Sánchez (2002), essa condição diferenciada dos surdos pode ser denominada de ‘leitores não alfabetizados’, ou seja, aprendem a ler e a escrever a língua portuguesa mesmo sem conhecer o seu sistema fonológico.

E a partir desta, frizamos o quanto é importante para esse aluno surdo, conseguir enxergar-se em seus pares, Benveniste explica essa concepção no “olhar da constituição do sujeito escrevente” Benveniste (1991, p.288). Neste caso, esse olhar de constituição para o surdo seriam fontes de várias perspectivas, numa escola, por exemplo, no qual o aluno surdo, tivesse a sua professora surda ou fluente em Língua de Sinais e seus amigos de sala surdos, ou ao menos conseguissem comunicar com ele através da Libras, com certeza eles estariam constituindo esse outro em si mesmo.

Segundo Benveniste (1991, p.288), a subjetividade é entendida como *“a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”*. E, neste caso, temos que situa-lo através do propósito comunicativo em que ele, através da aquisição da sua língua materna, estaria submerso. Pois, *“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser; o conceito de ego”*. Isto é, para o surdo, a linguagem fundamentada na realidade, deveria ser através da sua língua materna, onde, ele aprende de maneira natural.

Todavia, até que chegássemos aos dias atuais com melhor estrutura para recebê-los, ainda assim, existem dificuldades e lacunas, onde os professores, poderiam fazer a diferença, caso estivessem mais preparados para receberem alunos surdos, com necessidades diferenciadas dos demais, isto é, eles amenizariam o choque do (geralmente) atraso que acontece na vida dessas crianças com sua capacitação.

Esse processo de aquisição de língua e aprimoramento da linguagem – que até então era utilizada apenas como meio comunicacional. O maior problema está nas diferenças que as crianças surdas apresentam antes e depois de adquirir uma Língua natural (neste caso, de Sinais), que **deveria** ser a língua materna de todas as crianças surdas.

Retomando ao parágrafo anterior, onde a palavra deveria encontra-se em destaque, uma vez que, muitos pais e familiares têm demasiada resistência quando tratamos da Língua

Brasileira de Sinais (Libras). A partir de então, um dos maiores motivos é querer fazer com que seu filho (surdo) seja igual a maioria – Ouvinte.

Neste caso, como ele não poderá ouvir como os demais, ele irá tentar através de diversas estratégias, entre elas estão: tratamento fonológico, aparelho auditivo, oralização, a não utilização da Libras, o não contato com outros surdos, a criança geralmente estuda em escola tradicional sem a presença de outros surdos, só têm amigos em seu ciclo que escutam e como na grande maioria são encaminhados para a utilização do Implante Coclear (IC). E, na maioria dos casos, em hipótese alguma, inicialmente a família aceita a Libras.

Onde, na maioria dos casos, a demora para aceitação e percepção de que a criança não se encaixa neste meio (ouvintista) atrasa ainda mais a aquisição de uma língua e sua estrutura, atrasando ainda mais o desenvolvimento da criança, marcando-a muitas vezes para o resto da vida, Goldfeld (1997, p. 74) confirma “O atraso de linguagem, obviamente, causa atraso na aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento, já que é a aprendizagem que o impulsiona”.

Na maioria das vezes, são atrasos que podem ser amenizados, através do contato e do aprendizado de uma língua, onde, o sujeito passaria a comunicar-se além da linguagem, e sim através de uma Língua com suas devidas estruturas. Sem mencionar os pontos positivos da aquisição da Libras, como por exemplo o convívio com seus pares e a interação social que antes certamente não havia, o feedback, e a compreensão de determinados assuntos que, passavam muitas vezes despercebidos em grupos de amigos ouvintes, onde, nem tudo geralmente é explicado para seu melhor entendimento. Tudo começa a fluir, mais precisamente, quando existe a corroboração do pais. E a aceitação de que seu filho tenha uma língua natural a ele.

Goldfeld (2002, p. 60) reitera:

Ao se tomar conhecimento dessas idéias, de que a linguagem além de ter a função comunicativa exerce também as funções organizadora e planejadora, ou seja, é o instrumento do pensamento mais importante que o homem possui, percebe-se o quanto a criança surda que sofre atraso de linguagem fica em desvantagem em relação às crianças que adquirem a linguagem naturalmente.

Sendo assim, de extrema importância que a criança surda desenvolva sua comunicação através da Língua de Sinais e que consiga se expressar no seu dia a dia, para que desta forma ela possa naturalmente evoluir seus aspectos comunicativos e sociáveis, dentro e fora de casa. Goldfeld (2002, p. 74) escreve que: “A aprendizagem não se limita ao aprendizado escolar, a

criança, desde o nascimento, está constantemente em processo de aprendizagem e desenvolvimento. As brincadeiras representam uma importante parte no processo de aprendizagem pré-escolar.”

Por isso é de extrema importância a inserção da língua primária (L1) junto com a Língua secundária (L2), é o que acontece atualmente nas salas de aulas bilíngues. Usualmente as professoras são bilíngues com fluência, e, primeiramente inserem sua L1 atrelada a escrita da língua do País (neste caso, português). Sem contar no contato que os surdos terão com outros surdos. Goldfeld (2002. P. 44) diz: “[...] Esta aquisição deve ocorrer, preferencialmente, pelo convívio da criança surda com outros surdos mais velhos, que dominem a língua de sinais.”

A prática de entrelaçar as duas línguas geram perspectivas diferenciadas além de aprendizados, envolve muito o sociointeracionismo e práticas associativas, reunindo o aluno, o professor e sua metodologia de ensino. O que resulta em satisfação pela relação dos alunos com as línguas apresentadas, fazendo com que os alunos entrem num mundo de possibilidades novas, tirando-os as limitações de antes quando ele não tinha adquirido uma língua, estas condições são, segundo Goldfeld (2002, p. 62):

Os surdos nestas condições, só conseguem expressar e compreender assuntos do aqui e agora. Para falar sobre situações passadas, lugares diferentes e, principalmente, sobre assuntos abstratos é quase impossível – se realmente não o for.

Entretanto, com o desenvolvimento das línguas em sala de aula, o surdo aprende a desenvolver-se, comunicar-se e expressar-se de acordo com sua língua ou a língua do seu país (escrita), não sendo proibidos a eles a oralização – ou a utilização dos dois métodos. Todavia, dentro da escola, a criança surda aprende a Libras, a Língua portuguesa escrita – ler e escrever, para tal, existem diferentes níveis da aquisição.

No contexto do aluno surdo, associando a Libras com a leitura, esta, passa por diversos níveis de evolução, segundo Quadros & Schmiedt, 2006:

- 1) **Concreto – sinal:** ler o sinal que refere coisas concretas, diretamente relacionadas com a criança.
- 2) **Desenho – sinal:** ler o sinal associado com o desenho que pode representar o objeto em si.
- 3) **Desenho – palavra escrita:** ler a palavra representada por meio do desenho relacionada com o objeto em si.
- 4) **Alfabeto manual – sinal:** estabelecer a relação entre o sinal e a palavra no português soletrada por meio do alfabeto manual.

5) **Alfabeto manual – palavra escrita:** associar a palavra escrita com o alfabeto manual.

6) **Palavra escrita no texto:** ler a palavra no texto.

(QUADROS; SCHMIEDT, 2006)

A criança surda não pode recorrer a “consciência fonológica” (termo utilizado pela autora Emília Ferrero para explicar a construção do letramento infantil), uma vez que esta é característica apenas de crianças ouvintes.

O presente trabalho, dedica-se a difundir através do cenário escolar, de crianças surdas. Que constrói uma prática fundamentada no bilinguismo como uma das melhores alternativas, àquela que é capaz de promover a comunicação e compreensão, viabilizando seu desenvolvimento na construção dos conhecimentos na sua própria língua.

Portanto, com a realização desta pesquisa, discutiremos o processo de aquisição da escrita através do uso de imagens

METODOLOGIA

Este estudo tenta trazer à tona algumas questões de aquisição da linguagem escrita conduz, tendo como base o livro “Uma concepção do desenvolvimento da escrita na criança” de Emília Ferrero.

Está presente também o ponto de vista sociointeracionista de Goldfeld (2002), trazendo com ele o olhar da professora sob a aquisição da Língua Portuguesa Escrita (LPE) nas fases iniciais da alfabetização.

A julgar pela natureza exploratória e qualitativa desta pesquisa, buscamos analisar os dados coletados e observar as atividades propostas para os alunos surdos neste aspecto à luz das fases de aquisição conforme comentadas anteriormente.

Foram analisadas atividades da sala de aula dos surdos, as quais, realizadas em prol do aprendizado para a alfabetização inicial do aluno surdo, sendo todos alunos surdos e em fase de aquisição da LPE.

A pesquisa foi realizada em uma Escola de rede estadual, na qual, continha uma equipe de professores fluentes em Libras, entre eles, uma professora surda, polivalente, característica que estreita a relação aluno – professor. Além da extrema importância, manter a socialização do contato com surdos de diferentes faixas etárias.

O processo de alfabetização inicial é longo e de muita persistência, uma vez que a escola visa uma abordagem Bilíngue de educação para surdos, o objetivo principal se dá pela aquisição da Libras (língua brasileira de sinais) como Língua primária (L1), e o aprendizado

da língua portuguesa escrita como Língua secundária (L2), porém suas aulas são todas ministradas na língua primária do aluno surdo, a Libras.

Tal pesquisa, visa identificar um pouco de como se dá o processo de construção da aprendizagem da língua portuguesa escrita, retratando as atividades realizadas por elas, e mostra, suavemente como ela é construída e concebida pela criança surda fazendo um paralelo com as fases de aquisição da escrita de Emília Ferrero. Desde já, percebemos que uma de suas maiores dificuldades da presença do surdo na escola, é o fato dele entrar sem dominar por completo nenhuma das duas línguas (LPe Libras) e o objetivo maior das professoras ao letrar este indivíduo, é de tentar minimizar o atraso do desenvolvimento devido ao entrave de eles não terem adquirido- as nos anos anteriores junto à família.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados, se dará através da análise das próprias atividades elaboradas pelas professoras em sala de aula, uma vez que, segundo elas: “não há material adaptado para eles, com sinais do nosso estado”.

Conforme citado por Goldfield (2002 p. 47)

No entanto, diversos autores, como Ciccone, Brito, Reis, Fernandes, afirmam que a criança surda, ao sofrer atraso de linguagem, mesmo que aprenda uma língua tardiamente, terá sempre como consequência deste atraso problemas emocionais, sociais e cognitivos.

Nos deparamos na grande maioria com um atraso global na linguagem, que tenta ser amenizado no âmbito escolar.

Outro ponto importante a considerar que merece ter destaque são as professoras polivalentes, em que, todas são fluente em Libras e todas possuem Pós-graduação. Além disto, uma das professoras polivalente é surda. O que desperta a curiosidade dos seus alunos e atraí mais o interesse para maior contato. Fundamentada também na dinâmica das salas de aula Bilíngue, que arquitetou diversas atividades planejadas exclusivamente para os alunos especiais daquelas turmas, tal como a junção de uma atividade, onde haviam presentes: Língua Portuguesa Escrita (Em uma letra ou palavra), Libras (sinal), Libras (datilologia*) e a imagem do objeto (sempre). Segundo ela: “para uma melhor fixação”.

*Datilologia: são as letras em Libras – o alfabeto manual de A-Z.

Apresentaremos algumas atividades propostas pelas professoras polivalentes em sala de aula, dentre elas, podemos observar uma grande quantidade de atividades criadas tendo como principal foco a questão VISUAL, associando-a com outros recursos (letras, palavras, etc).

Podemos associar tal construção com Kato (2014, p. 111) que traz em seu livro a tese associacionista, que diz:

Uma tese antiinatista e anticonstrutivista é aquela proposta por concepções associacionistas da aprendizagem, segundo as quais quando um certo estímulo ambiental x está presente, ele tende a provocar uma resposta y , se esta levar um esforço positivo.

Neste caso, todo o modelo em que anteriormente conhecíamos e/ou tínhamos pronto, no qual remete as teorias pedagógicas inatista e construtivista, caem por terra quando partimos para a proposta associacionistas da aprendizagem. Isto é, a resposta virá de acordo com tal estímulo, o qual resultaria um fator positivo de participação e esforço do aluno surdo, uma vez que, este, tem a maior parte do tempo atividades associacionistas.

Abaixo, segue por escrito inter-relacionando o que vimos ao decorrer do trabalho e o que foi descrito: as atividades realizadas pelas professoras através de associações de Imagem (sempre), escritas (Libras ou portugues – quase sempre);

- 1) Aprendizagem do alfabeto por Letra + Palavras + Sinais + Datilologia + Imagem;
- 2) Associação de Palavras + Imagem + Libras sinal + Libras Datilologia;
- 3) Associação de Palavras por Letras por uma inicial (por ex. “L”, “M”) + Imagem;
- 4) Associação de Imagem + Numeração + Palavras completas + Sinal em Libras (Para a criança produzir);
- 5) Atividade em um quadro onde os alunos colocavam as letras para formação de palavras;
- 6) Atividade com Palavras + Letras;
- 7) Atividade com 1 Letra + 2 Letras + 3 Letras + 4 Letras + 5 Letras + 6 Letras;
- 8) Atividade de construção de frases + Colagem + Ordenação das palavras + Escrita da frase + Desenho da palavra + Pintura do desenho;
- 9) Associação por repetição;
- 10) Atividade com frase para aluno circular a imagem na qual representa;
- 11) Atividade com Letras, Palavras e Imagem para reconstrução de frases;

12)

13) Dicionário Visual;

14) Imagem para a formação de frases.

Abaixo seguem exemplo de atividades conforme acima descrito:

Imagem 01



Imagem 02

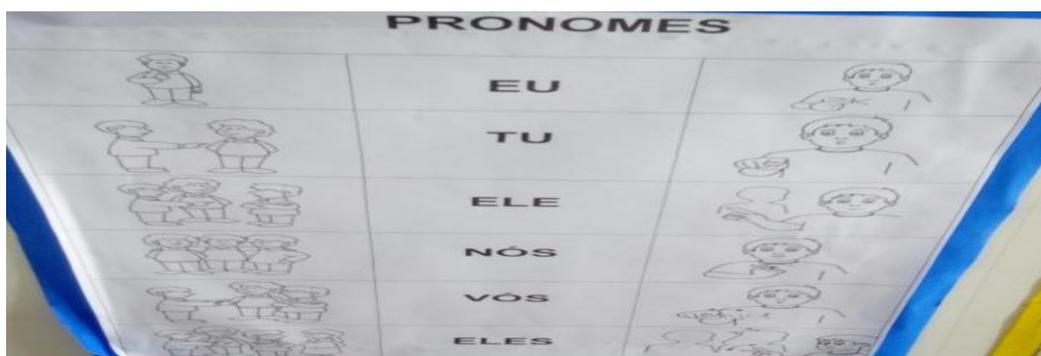


Imagem 03

Construção, aprendendo letrinhas e depois palavras. Sempre ensinando em Libras com o português escrito em conjunto;

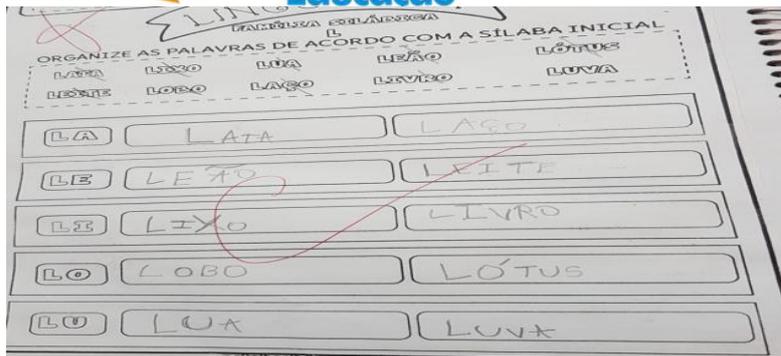


Imagem 04

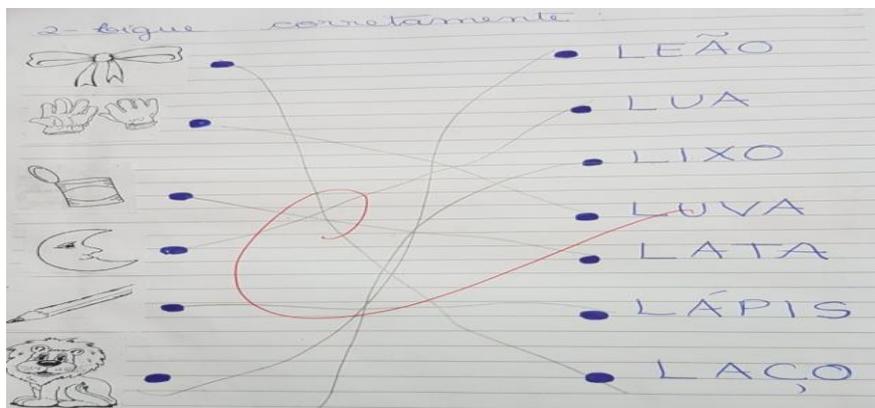
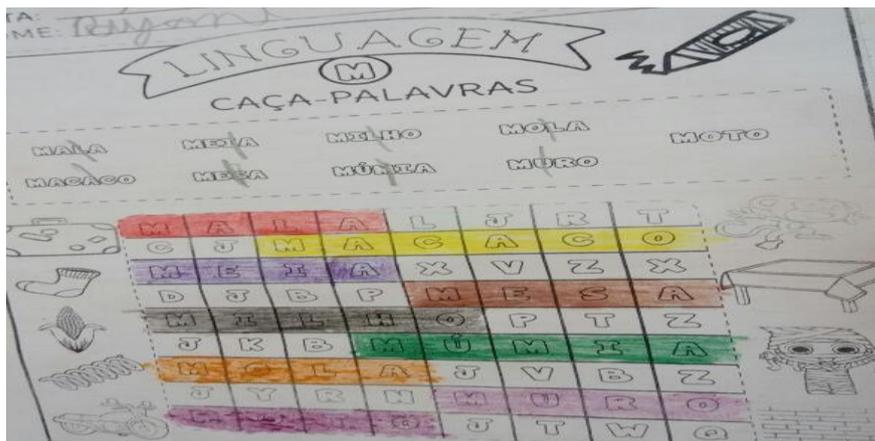


Imagem 05



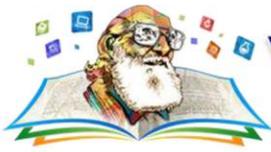


Imagem 06

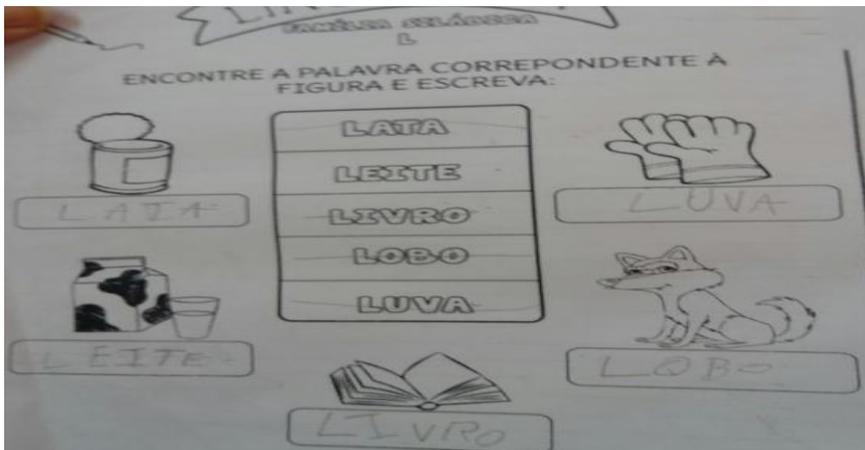
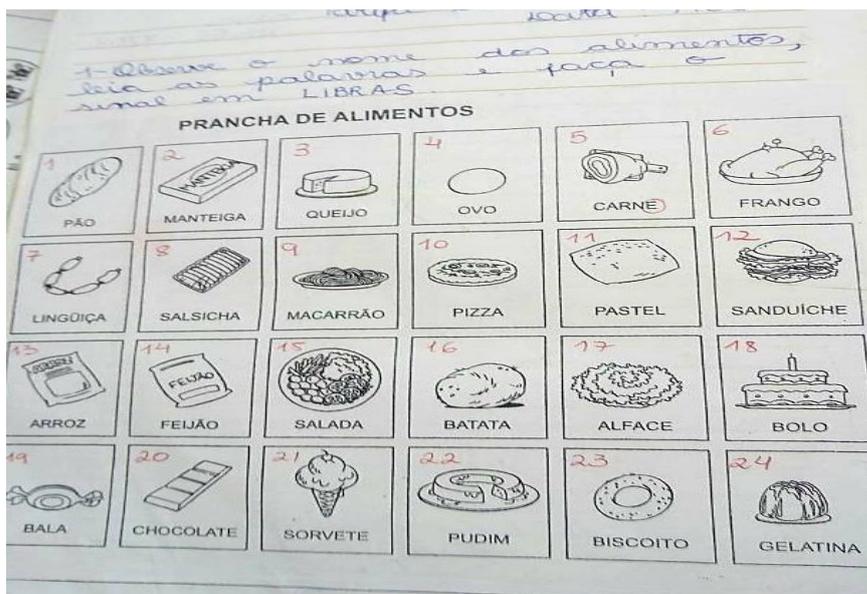


Imagem 07



✓ Tarefa para casa de fixação;

Imagem 08 e 09

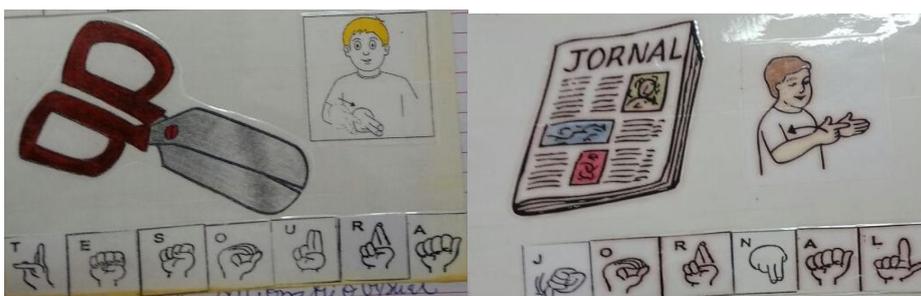
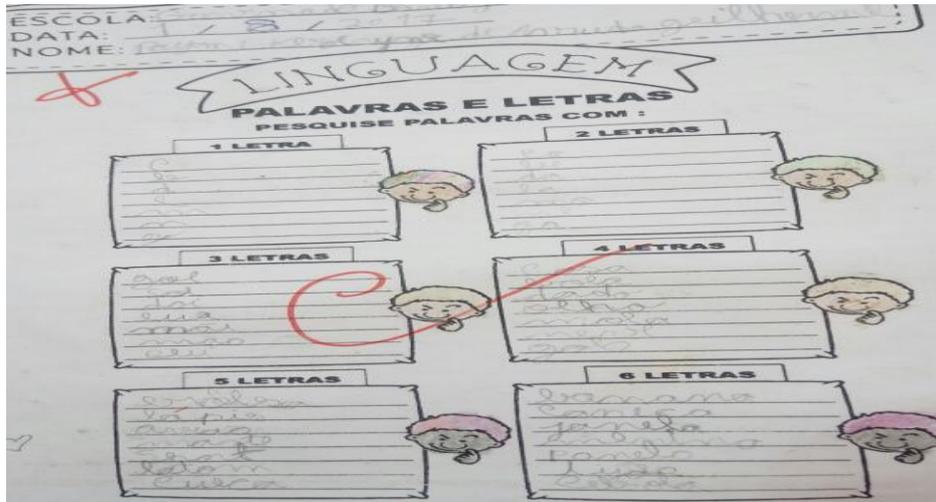




Imagem 10



- ✓ Para começar a trabalhar as frases, a professora começa mostrando a imagem e traduzindo em libras até passar para português;

Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13

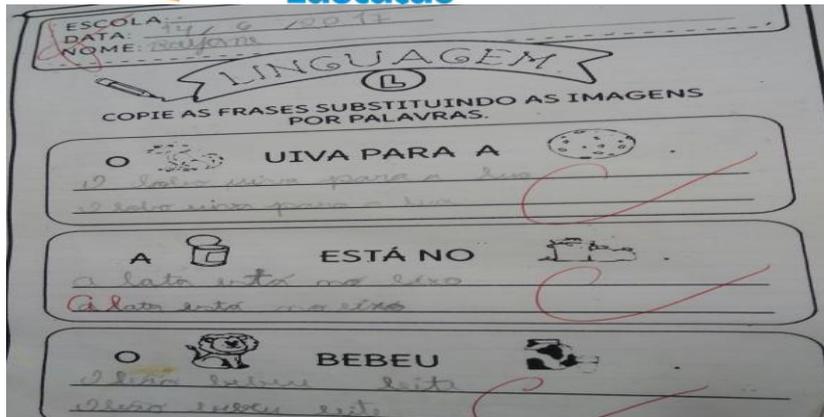


Imagem 14



Imagem 15



A vivência da sala de aula trouxe a certeza de que após eles terem aprendido a junção das duas letras, fica mais fácil de associá-las às letras para a formação de palavras, acontece de forma semelhante à prática tradicional, todavia, demoram muito mais tempo para ensinar, pois é um trabalho de “formiguinha” segundo as professoras.

Além de afirmar que as atividades sem imagens tornam o exercício mais dificultoso, quando não dizer inviáveis, pois para eles, tudo têm que ser visualmente estabelecido para facilitar o entendimento. Tal estudo pode-se firmar na teoria de Ferrero sobre leitura com imagem e sem imagem. Sendo esta uma das principais ideias do estudo.

CONCLUSÃO

A compreensão do processo evolutivo acerca do trabalho realizado pelas professoras polivalente das classes especiais nos mostrou uma perspectiva diferenciada sob a ótica da aquisição da língua portuguesa escrita (LPE), uma vez que algumas análises mais atuais, buscam sempre enfatizar aspectos relativos à ótica das dificuldades dos alunos, mostrando sempre o lado das crianças.

Por isso, foi proposto neste trabalho, ampliar a ótica sob a aquisição das línguas, mostrando acerca da criança e do professor, e principalmente, quais estratégias que estes, utilizam para o desenvolvimento do aluno.

É sabido que a língua portuguesa é uma língua secundária para o aluno surdo, e com isto, ele apresenta dificuldades em seu desenvolvimento, uma vez que, ele não ouve para assimilar os conceitos.

É preciso superar as dificuldades, já descritas aqui, sobre o aprendizado inicial da escrita em relação ao aluno surdo, uma vez que, estes vão se desenvolvendo com o passar dos anos com seus pares

Todavia, a aquisição da Libras e a escrita da língua portuguesa para os alunos surdos desta escola, têm sido fundamentalmente fruto de objeto de ensino e dedicação, para que possa ser construído também um objeto crescente de aprendizagem e aprimoramento de estratégias de ensino.

Uma vez estabelecida o desenvolvimento de aprendizagem e aquisição da escrita, as professoras estão desde então sempre atentas para o retorno dessa aprendizagem, dentre estes estão um dos principais que é a mudança social deste indivíduo, uma vez dominando a escrita, estarão inseridos mais facilmente num convívio de trocas, sejam elas com ouvintes ou surdos, e, de certa forma, os alunos surdos terem ali uma adulta com características semelhantes às das deles, é fator comprovado que dessa forma eles acreditaram que podem ir mais além.

Podemos diante disso concluir:

As crianças das respectivas salas de aulas selecionadas, inicialmente não tinham consciência acerca da língua e suas estruturas – portuguesa escrita e a Libras;

- I. A utilização da imagem e a associação delas é crucial para o desenvolvimento da criança nesta fase de aquisição das línguas;
- II. O contato inicial com a língua materna (Libras) foi de extrema importância para que eles pudessem situar-se diante de sua essência;
- III. O contato com uma professora – SURDA, trouxeram-lhes a identificação de ter um referencial além da possibilidade de enxergar um futuro nesta professora.
- IV. A relação dos surdos com outros surdos, só lhes trouxeram benefícios;
- V. A criatividade da professora polivalente ouvinte em planejar dinâmicas e atividades, todas pensadas e criadas por ela, para seus respectivos alunos, surgiu de acordo com a necessidade da adaptação para o ensinar, uma vez que há ausência de materiais para tal;
- VI. As crianças têm mais facilidade na aquisição de Libras do que na Língua Portuguesa escrita.
- VII. O material investigado comprovou a facilidade do aluno ser maior na Língua materna do que na língua secundária através das atividades colhidas para tal pesquisa.

Em linhas gerais, observamos que o desenvolvimento da escrita pelas crianças surdas atreladas ao ensino das professoras, passa por um caminho longo de persistência e paciência, mesmo com seus obstáculos, tal aquisição ocorre de maneira gradual.

O sucesso dos alunos, é comprovado ao verificar seu desenvolvimento em diferentes aspectos: social, pessoal e intelectual. Resultando em avançar nas séries e adquirirem a língua portuguesa escrita, mesmo que este, se dê mais lentamente do que o habitual.

Conviver em um ambiente que lhes apresentem a Língua de Sinais, sua Língua materna (Libras), transformam estas crianças e aumentam sua capacidade comunicativa, além de torná-las capazes de expressar sentimentos de forma adequada, em sua própria língua. O desconhecido do início de seu ingresso em sala de aula, torna-se conhecido e praticado em duas de línguas, além de apresentar-lhes à uma realidade diferenciada, a realidade de possibilidades: da comunicação, da sociabilização, onde, todas estão presentes através do ato de estar em contato cotidianamente com seus semelhantes e desenvolver a aquisição da Libras e da Escrita da língua majoritária do país.

REFERÊNCIAS

Aquisição da escrita por crianças surdas – início do processo¹. ARTIGO. Letrônica v. 2, n. 1, p. 138 - 149, julho 2009.

Aquisição de escrita por alunos surdos: a categoria aspectual como um exemplo do processo. RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 935-956, 2014.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de** Lingüística Geral I. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

DURAN, M. C. G. Emilia Ferreiro: uma concepção do desenvolvimento da escrita na criança. São Paulo: Vozes, 2009.

Fayol, Michel, - Aquisição da escrita / Michel Fayol ; tradução Marcos Bagno. – 1. ed. – São Paulo : Parábola Editorial, 2014. 128p. ; 23 cm.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Goldfeld, Marcia, A criança surda : linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista / Marcia Goldfeld. – 2º ed. – São Paulo : Plexus Editora, 2002.

KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

Letramento e minorias/ Organizadores: Ana Cláudia B. Lodi, Kathryn M. P. Harrison, Sandra R. L. de Campos, Ottmar Teske – Porto Alegre: Mediação, 2002. 160 p.